

■ DOSSIÊ - RELATOS DE EXPERIÊNCIA

■ Projeto Mulheres Inspiradoras: Literatura como exercício de liberdade

 *Dilvanice Santana de Carvalho Andrade* *
Luana Viana Lima Chaves **
Denise Fetter Mold ***

Resumo: O presente relato mostra a aplicação do projeto Mulheres Inspiradoras em uma escola pública de ensino médio de uma Região Administrativa do Distrito Federal. Sob a perspectiva da Pedagogia de Projetos, as atividades do programa foram aplicadas em sala de aula presencial, como aprofundamento das leituras de obras de autoria feminina, das discussões e dos trabalhos propostos. Também foi utilizado o software Classroom, como estratégia de inclusão digital e apropriação das novas tecnologias em sala de aula, no Ambiente Virtual de Aprendizagem – AVA, para alunos do 1º ano do ensino médio, nas disciplinas de Português e Parte Diversificada – PD.

Palavras-chave: AVA. Aprofundamento pedagógico. Projeto Mulheres Inspiradoras. Pedagogia de Projetos.

* *Dilvanice Santana de Carvalho Andrade* é licenciada em Pedagogia e Letras Português / Inglês. Professora da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Contato: andradedilvanice@gmail.com.

** *Luana Viana Lima Chaves* é licenciada em Matemática. Professora da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Contato: luadf_10@hotmail.com.

*** *Denise Fetter Mold* é pedagoga orientadora educacional da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Contato: fettermold@gmail.com.

Introdução

“Qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever por mais que se reconheça a força dos condicionamentos a enfrentar. A boniteza de ser gente se acha, entre outras coisas, nessa possibilidade e nesse dever de brigar. Saber que devo respeito à autonomia e à identidade do educando exige de mim uma prática em tudo coerente com este saber” (Paulo Freire)

O projeto Mulheres Inspiradoras é resultado de uma experiência exitosa da professora Gina Vieira Ponte, que, em 2014, numa escola pública de Ceilândia, partiu da observação comportamental de suas alunas nas redes sociais e resolveu apresentar-lhes outras referências femininas diferentes das impostas pela mídia. Mulheres que se destacaram não como ícones de beleza ou por performances e atributos físicos agradáveis aos olhos masculinos, mas pela contribuição para uma sociedade mais justa e igualitária, legado para outras mulheres.

As reflexões ora explicitadas foram feitas quando da aplicação desse projeto no Centro de Ensino Médio (CEM) 01 do Riacho Fundo I, que nos atraiu como uma experiência bem sucedida. A escrita deste relato é baseada na experiência de três profissionais da educação, sendo uma professora de Matemática, uma Orientadora Educacional e uma professora de Língua Portuguesa, conforme exigência do projeto. Cada uma contribuindo com suas experiências e baseadas em seus distintos tempos de docência, o que possibilitou um trabalho rico numa abordagem interdisciplinar.

Esse programa chamou-nos a atenção não somente pelo fato de ter sido um projeto pensado no chão de uma escola pública de periferia por uma professora ativa e sensível às necessidades urgentes dos seus estudantes, sobretudo das estudantes, portanto uma realidade não muito diferente da que atuamos, mas também pelo fato de trazer na ementa do edital de seleção uma proposta que objetivava um trabalho com textos literários, cujos destaques eram: Carolina Maria de Jesus, com seu “Quarto de despejo”, dando voz à gente marginalizada da favela de Canindé em São Paulo; Cora Coralina, mulher humilde que criou sozinha os filhos, desprovida de recursos materiais capazes de lhe suprir as necessidades, mas tomou as rédeas da sua própria vida produzindo e vendendo doces pelos “Becos de Goiás”, passando depois a produzir poemas tão doces quanto os doces que fazia; e, também, Cristiane Sobral, mulher, negra, poetisa, atriz, professora, militante, que com versos delicados e profundos denuncia o racismo e outras formas de discriminação, dentre outras obras de autoria feminina.

A proposta seria o trabalho com as obras dessas e de outras autoras fomentando a discussão acerca de gênero, objetivando não só dar visibilidade a essas mulheres a partir do estudo das suas biografias, mas trazer à tona a história de luta e superação de cada uma delas, além de oferecer aos estudantes e, principalmente às estudantes, referenciais femininos positivos buscando uma possível identificação com as histórias de vida das mulheres próximas: mães, avós, irmãs, enfim, mulheres inspiradoras.

Literatura como exercício de liberdade

O programa Mulheres Inspiradoras trabalha dentro da perspectiva da Pedagogia de Projetos, que, amparada na

metodologia de seqüências didáticas, visa a dar autonomia ao estudante tornando-o protagonista da própria aprendizagem e possibilita ao professor o trabalho como mediador. Nesse sentido, o papel do professor deixa de ser o de mero transmissor de informações e evolui para um facilitador da aprendizagem do estudante. Aceitar desenvolver as atividades do programa no ensino médio exigiu também ter coragem para enfrentar alguns desafios. O primeiro deles foi a quebra da resistência de alguns estudantes, reação normal para quem cursou todo o ensino fundamental em escolas que priorizaram o conteúdo e para quem a imagem do professor facilitador ainda não é vista com bons olhos. Para esse estudante o papel do professor, sobretudo o de Língua Portuguesa, é falar durante cinquenta minutos de aula expositiva e depois aplicar atividades maçantes de gramática ou análise de textos aleatórios no livro didático. Esse adolescente chega à etapa final da sua formação básica ansioso com as provas seletivas que o aguardam fora dos muros da escola e muitas vezes vê uma metodologia diferenciada como um entrave para seu aprendizado.

Nesse contexto surge o programa, cuja proposta não tem a pretensão de ser uma receita pedagógica a ser seguida passo a passo, nem funcionar como uma “camisa de força”, que, numa estrutura engessada, poda docentes e estudantes. Muito pelo contrário, embora tenhamos recebido todo suporte e orientação necessários à formação, dentro do programa ambas as personagens envolvidas no ato educativo têm total autonomia na construção da aprendizagem. Não se propõe tampouco um exercício de militância feminista, conforme insinuado por alguns estudantes para justificar o total desinteresse pela leitura e demais atividades, no entanto o compromisso maior foi o de se desenvolver o senso crítico através da leitura com vistas à produção escrita e assim despertar o ser político em cada jovem, uma vez que educar não deixa de ser um ato político.

Também é primordial nesse trabalho dar condições ao estudante de assumir sua posição como ser social e histórico, pensante e comunicativo, que é umas das tarefas mais importantes da prática educativa, segundo Paulo Freire (FREIRE, 1990). Portanto, o trabalho com literatura, no caso a literatura de autoria feminina, tornou-se mais significativo e mais atraente, na medida em que os estudantes tomaram ciência dos objetivos bem definidos visando à leitura e ao desenvolvimento do pensamento crítico para uso em situações reais. Sendo assim, todos os objetivos, bem como todas as etapas a ser seguidas ao longo do processo, foram previamente esclarecidos.

Conforme dito anteriormente, a leitura das obras de autoria feminina e o desenvolvimento da metodologia proposta pela professora idealizadora do programa fogem à interpretação simplista de propagar uma ideologia feminista. Esse trabalho pautou, acima de tudo, o respeito à pessoa humana, independente de gênero, pois propôs um olhar mais crítico de cada jovem para a história de vida dessas e de outras mulheres, histórica e culturalmente invisibilizadas, buscando assim, a identificação e valorização das mulheres mais próximas. Dessa forma, a literatura estaria cumprindo sua função político-social que é levar o educando à conscientização, à crítica, à denúncia e conseqüentemente a uma possível transformação da realidade. É a educação para a transformação social, grande compromisso do programa Mulheres Inspiradoras.

Letramento: Da oralidade à escrita autoral

Desde o início houve uma preocupação com a produção oral como atividade prévia às atividades de leitura e produção escrita. Então, quando da apresentação dos livros que seriam trabalhados, foi solicitado aos alunos que fizessem pesquisa da história das autoras como preparação para um seminário. Paralela a essa pesquisa, as aulas pautaram-se num trabalho de orientação para produção de roteiro de apresentação oral, seguido da orientação para confecção de cartazes e folders com escrita autoral da biografia das mulheres inspiradoras a partir da pesquisa. Essa sequência de atividades culminou na apresentação dos seminários, ocasião em que foram apresentadas a vida e a obra das mulheres pesquisadas, num trabalho muito rico e bem elaborado pelos estudantes, que superaram as nossas expectativas, utilizando além dos cartazes e folders, recursos como slides e vídeos caseiros produzidos por eles mesmos.

Iniciou-se então a leitura dos livros doados à escola pelo programa, a saber: “Eu sou Malala” de Malala; “Quarto de despejo” de Carolina Maria de Jesus; “Não vou mais lavar os pratos” e “Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz” de Cristiane Sobral; e “O diário de Anne Frank” de Anne Frank. Para não nos delongarmos muito, iremos descrever apenas a experiência com três dessas obras.

O primeiro texto trabalhado foi “Não vou mais lavar os pratos” de Cristiane Sobral, livro cujos poemas proporcionaram momentos emocionalmente intensos, pois além da exploração dos elementos que conferem musicalidade a esse gênero textual como rimas, ritmo e o uso da linguagem figurada, houve também a abertura ao debate, em rodas de conversa, acerca dos preconceitos de gênero, raça e cor sugeridos pelos versos contundentes da autora, o que resultou na produção autoral de poemas e dos relatos de experiência, para compor o diário de bordo, outra atividade escrita paralela ao trabalho em sala de aula. O impacto dessa experiência de leitura para os estudantes pode ser conferido nos trechos abaixo, extraídos de suas produções escritas.

E o mais importante é que ela nos deixa de ensinamento que todos nós somos iguais, o que nos diferencia é a cor, mas isso é apenas um mero detalhe que não tem poder de fazer ninguém ser melhor ou pior. (Estudante A)

Fala da liberdade, da igualdade, cada verso é sentimento, talvez o da escritora, ou o seu, que se identifica com o de Cristiane Sobral. Uma aula inteira é pouco para ler poemas como esses. Antes da leitura tinha uma expectativa sobre esse livro “Não vou mais lavar os pratos”, pensei que iria ler sobre uma mulher cansada da vida, mas me surpreendi ao ver que essa mesma mulher colocava seus sentimentos ali, expressava o que talvez muita gente sinta, mas não fale... (Estudante B)

Aquela poesia
Poesia de empoderamento
Poesia de sentimento
Poesia que vai nas entranhas da alma
Poesia que enriquece meu ser
E meu saber
A aula que dá gosto

Que além de ir para a cabeça
Foi para a boca
Que dá prazer
Prazer de mastigar cada palavra
Não sei se senti gosto de conhecimento
Ou senti gosto de pipoca
Ah, se o conhecimento fosse pipoca
Seria uma pipoca agridoce
Com o melhor gosto
Enriqueceria todo ser
Enriqueceria de saber
Porque conhecimento
Poesia também é
(Estudante C)

Iniciamos então os preparativos para receber Cristiane Sobral no Encontro Leitor e Escritor. Propomos a produção de questões acerca da sua vida e do processo de criação de poemas e livros, perguntas que foram lidas durante uma conversa descontraída com a poetisa e que foram prontamente respondidas num encontro regado a muitas histórias, músicas, poesia e grandes emoções. Finalmente foram produzidos relatórios contando o impacto da experiência de receber para uma conversa a autora mais próxima em todos os sentidos, uma vez que houve identificação muito grande de várias estudantes não só com o discurso dos poemas, mas também com a história de vida de uma autora negra e de origem humilde.

O encontro com Cristiane Sobral... deu certo ar de importância, a Cristiane sem perceber tirou um grande peso de mim, ela me mostrou como ser uma autora mais próxima em todos os sentidos, uma vez que houve identificação muito grande de várias estudantes não só com o discurso dos poemas, mas também spertou e pisoteou o racismo. Ela pra mim é muito importante. Passei a admirá-la. (Estudante D)

Na sequência, a leitura do “Diário de Anne Frank” proporcionou aos estudantes a identificação direta com a protagonista, esta que também é jovem e sofre com os horrores da guerra, mas procura na escrita uma fuga dessa realidade brutal em que vive. Esse momento é propício para o trabalho com a estrutura do relato pessoal e do gênero diário. Houve intensa exploração do gênero narrativo em primeira pessoa, elementos como tempo cronológico e psicológico e também do ambiente social. É momento também para a atualização do diário de bordo com o registro dos fatos no dia a dia e da identificação da estrutura textual.

A última leitura acontece com Carolina Maria de Jesus, em seu “Quarto de despejo”, os estudantes e as estudantes identificam na protagonista a mãe ou a avó trabalhadora, que contribui para a manutenção da família ou até mesmo aquela que sozinha, supre as necessidades dos filhos. É a literatura como a recriação da realidade, da própria realidade. A literatura apresentando Carolina, mãe solteira, lutando pela sobrevivência e por um mínimo de dignidade para si e para os filhos. Carolina que poderia ser, talvez, a mãe lavadeira, diarista, professora ou qualquer mãe, que também nos dias atuais se vê sozinha na difícil missão de educar e manter os filhos. Esse transporte ao mundo fantasioso de uma narrativa ficcional já seria uma

viagem deslumbrante, que dirá da leitura do cotidiano de uma mulher que foi real, que viveu e superou todas as dificuldades por que passamos uma mãe sozinha, negra e favelada? É provável que ao ler o “Quarto de despejo”, os estudantes e as estudantes tenham enxergado o quanto de força existe na alma feminina, como também é possível que tenham identificado todas as Carolinas que povoam suas vidas e tenham reconhecido a importância da leitura e da escrita para a transformação da realidade e superação de dificuldades, como acreditava Carolina Maria de Jesus.

Sendo assim, Carolina Maria de Jesus representa todos e todas que veem na leitura e, conseqüentemente, na escrita meios para denunciar as mazelas de uma parcela excluída da sociedade, abandonada à própria sorte. O relato de experiência e a pesquisa acerca da mulher inspiradora surgem nesse momento, quando muitos voltaram os olhos para uma mulher importante do seu convívio. Os estudantes foram orientados a produzir a história conhecida da mulher inspiradora de suas vidas com os fatos considerados significativos e dignos de admiração. Em seguida passaram à produção de questionamentos acerca de detalhes desconhecidos dessa história. Foi aí que se iniciou um trabalho de coleta de dados relevantes para o registro da história da mulher referência de cada um. A partir dessas questões, a orientação foi para que se criasse um roteiro para a entrevista oral. Em seguida eles foram a campo para entrevista oral propriamente dita que foi gravada em áudios e vídeos e registrada por escrito. De volta à sala de aula o próximo passo foi a transcrição dos dados coletados e finalmente a produção da história da mulher inspiradora de cada um, com a adaptação dos dados para um relato em 3ª pessoa.

Na seqüência houve a revisão das histórias e trocas entre os estudantes para a leitura. Esses foram os destaques dessa etapa do trabalho, que culminou na exposição de todas as histórias escritas para leitura e ciência de todos.

Multiletramento: O desenvolvimento do pensamento crítico no ambiente virtual

O tempo em sala de aula tornou-se insuficiente para explorar a riqueza de todo o material que tínhamos disponível, além dos textos impressos havia uma quantidade considerável de vídeos, documentários, músicas e outros tantos textos multimidiáticos. Isso levou-nos à abertura de Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA), o que se tornou possível graças às orientações recebidas sobre o “Google Classroom” na formação do programa, ocasião em que aprendemos sobre o uso consciente da internet e redes sociais, sobre a criação da conta, como usar suas ferramentas digitais e sobre o monitoramento das salas virtuais. Criamos uma sala virtual para cada sala de aula física e cadastramos o e-mail de cada estudante, através desse e-mail era feito o retorno de todas as atividades realizadas no AVA. Nesse espaço virtual, continuamos “dando aula”, porém de forma menos informativa e mais gerenciadora, utilizando as possibilidades oferecidas pelas tecnologias informativas (MORAN, 2018).

A aceitação por parte dos estudantes foi quase unânime, com exceção apenas de poucos que não dispunham

de computador em casa, mas esse problema foi resolvido possibilitando o acesso em sala de aula através do celular, outras vezes usamos o retroprojetor e o *notebook*, e tantas outras vezes fizemos esse acesso no laboratório de informática, para que nenhum estudante se sentisse excluído das atividades.

Nas salas virtuais, paralelamente ao trabalho com leitura e escrita em sala de aula, promovia-se a discussão de temas relacionados à temática do programa como o documentário “Lei Maria da Penha”, alguns vídeos sobre racismo, HQs sobre relacionamentos abusivos na adolescência, entre outros. Segundo Coscarelli (2016), essa inclusão é necessária, pois trata-se de uma pedagogia que valoriza e reconhece o universo multimidiático. Para o autor, a leitura do texto digital exige do leitor todas as habilidades necessárias para a leitura do texto impresso. Portanto, esse trabalho era pautado na leitura dos textos na sala física e na sala virtual, na exibição de vídeos, nos depoimentos e sempre com a mediação das três professoras envolvidas.

O primeiro módulo trabalhado foi o “Netiqueta”, que tratava das regras de acessos ao ambiente virtual. Esse conteúdo foi amplamente discutido em sala de aula em forma de rodas de conversas ou debates. Nessa ocasião foram explorados alguns textos e também estabelecidas algumas normas específicas para o nosso AVA. O primeiro texto produzido para postagem nesse ambiente foi a carta de apresentação com dados como nome, ocupação, sonhos, filmes e músicas prediletos, experiência de leitura e expectativas quanto ao trabalho com o projeto. Os estudantes acessavam segundo as normas estabelecidas, liam as orientações, produziam o texto numa página do Word e postavam. O retorno era feito para cada um no e-mail cadastrado.

Na seqüência foram abertos mais três módulos de aprendizagem, em cada um foi disponibilizado um texto, seguido de um vídeo, ou uma animação sobre o tema, e um fórum de participação. No fórum todos eram convidados a se posicionar de maneira crítica sobre a temática discutida. Essa interação era feita num momento pré-estabelecido. Havia a participação de vários alunos na discussão, inclusive daqueles que jamais se pronunciavam durante as aulas, e então se revelavam bastante participativos. Esse momento era sempre mediado pelas professoras. Ao final de cada módulo, cada estudante deveria escrever um texto de opinião a partir de tudo que foi discutido. Esses acessos sempre aconteciam à noite, após as aulas na escola.

O resultado desse trabalho foi muito positivo tanto do ponto de vista da construção e apropriação de conceitos - como tópico frasal, ideia central, ponto de vista e argumentos de apoio que foram trabalhados na prática antes mesmo de serem apresentados em aulas expositivas -, quanto do ponto de vista da inserção digital. O programa possibilitou tanto aos alunos quanto às professoras envolvidas uma experiência muito rica num meio até então obscuro, e por isso mesmo evitado por ambos. Ao final pôde-se perceber a grande riqueza e amadurecimento das colocações feitas pelos estudantes diante de tudo o que foi discutido.

Considerações finais

Nosso trabalho buscou em toda sua extensão o desenvolvimento de uma criticidade maior por parte dos estudantes a partir da leitura de obras de autoria feminina e da interatividade nos debates, além de atividades diversificadas em dois ambientes de aprendizagem. Buscou-se o empoderamento e a mudança de atitudes dos estudantes, baseando-se em atitudes simples de respeito às colocações de cada um nos debates e nas trocas de experiências, proporcionados pelos momentos de fala ou de exposição escrita em que se podia falar e argumentar sem a preocupação com o julgamento. Essa mudança foi observada no decorrer das

atividades produzidas e foi visível também no comportamento da maioria dos estudantes contemplados. O quadro que se apresentava no início, em que meninos ofendiam meninas com palavras depreciativas ou de meninas que se sentiam reprimidas pela aparência por não ter o corpo ou cabelo dentro dos padrões ditos perfeitos pela mídia, foi aos poucos se modificando. E, mesmo após o término das atividades, observa-se a partir das colocações orais e escritas que os alunos participantes entenderam e internalizaram de maneira profunda os objetivos do programa, transformando-se em agentes multiplicadores para os colegas que não participaram, para suas famílias e para seus amigos. E temos a certeza de que isso continuará ao longo de suas vidas. ■

Referências bibliográficas

- COSCARELLI, Carla Viana [org.]. **Tecnologias para aprender**. 1ª Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.
- FREIRE, Paulo. **Alfabetização: Leitura do mundo, leitura da palavra**. Donald Macedo - Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1990.
- MORAN, J.M. **Educação inovadora na Sociedade da Informação**. Disponível em <<http://23reuniao.anped.org.br/textos/moran.pdf>>. Acessado em: 20 abril 2018.

Bibliografia consultada

- LIBÂNEO, J. C.; SANTOS, A. (orgs.) **Educação na era do conhecimento em rede e transdisciplinaridade**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2010.
- PALOFF, R. M. e PRATT, K. **Construindo Comunidades de Aprendizagem no Ciberespaço**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- RIBEIRO; MENDONÇA, G.; MENDONÇA, A. A importância dos ambientes virtuais de aprendizagem na busca de novos domínios da EAD. In: **Congresso Internacional de Educação a Distância**, 13, 2007, Curitiba. Anais. Curitiba: ABED, 2007. 10p. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2007/tc/4162007104526AM.pdf>>. Acesso em: 13 abril. 2018.
- RIGO, K. de A; DIETRICH, M; VALÉRIO, P. da S. **A dinâmica interacional em salas de aula virtuais: recursos de oralidade nos materiais didáticos escritos**. Passo Fundo, RS, Brasil. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ld/v17n3/1518-7632-ld-17-03-00349.pdf>>. Acessado em: 20 abril 2018.
- ROJO, R. e MOURA, E. (orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- SILVA, M. PESCE, L. e ZUIN, A. (orgs.). **Educação On-line: cenário, formação e questões didático-metodológicas**. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2010.